

# 1

## NUNCA, DESDE A GUERRA DE 1812\*

Baseado em entrevista a Il Manifesti (Itália)  
19 de setembro de 2001

***P: A Queda do Muro de Berlim não teve nenhuma vítima, mas mudou profundamente o cenário geopolítico. Você acha que os atentados de 11 de setembro poderão ocasionar efeito similar?***

CHOMSKY: A Queda do Muro de Berlim foi um evento de enorme importância e, efetivamente, mudou o cenário geopolítico, mas, em minha opinião, não do modo que usualmente supomos. Tentei explicar minha opinião sobre isso em outra oportunidade e, portanto, não vou voltar a este assunto aqui.

As horripilantes atrocidades cometidas em 11 de setembro são algo inteiramente novo na política mundial,

- Também chamada de A Segunda Guerra da Independência dos EUA. Foi a guerra declarada contra a Inglaterra, estando na Presidência dos EUA James Madison. Em um de seus episódios mais traumáticos, um batalhão inglês, num ousado ataque, conseguiu chegar até Washington, onde incendiou alguns edifícios públicos, obrigando o presidente a fugir da Capital. É a esse ataque que Chomsky se refere. (N. T.)

não em sua dimensão ou caráter, mas em relação ao alvo atingido. Para os Estados Unidos, é a primeira vez, desde a Guerra de 1812, que o território nacional sofre um ataque, ou mesmo é ameaçado. Muitos comentaristas tentaram fazer uma analogia com Pearl Harbor, mas se trata de um equívoco. Em 7 de dezembro de 1941, as bases militares em duas colônias americanas foram atacadas - e não o território nacional, que jamais chegou a ser ameaçado. Os Estados Unidos preferiam chamar o Havaí de "território", mas de fato era uma colônia. Durante os últimos séculos, os Estados Unidos exterminaram as populações indígenas (milhões de pessoas), conquistaram metade do México (na verdade, territórios indígenas, mas isso é outra questão), intervieram com violência nas regiões vizinhas, conquistaram o Havaí e as Filipinas (matando centenas de milhares de filipinos) e, nos últimos cinquenta anos, particularmente, valeram-se da força para impor-se a boa parte do mundo. O número de vítimas é colossal. Pela primeira vez, as armas voltaram-se contra nós. Foi uma mudança dramática.

O mesmo é verdade, e de maneira ainda mais dramática, em relação à Europa. A Europa sofreu uma destruição homicida, mas no decurso de guerras internas no Continente. Nesse meio tempo, as potências europeias conquistaram grande parte do mundo, usando sempre extrema brutalidade. Com raríssimas exceções, esses países jamais foram atacados por suas vítimas do exterior. A

Inglaterra não foi atacada pela Índia, nem a Bélgica pelo Congo, nem a Itália pela Etiópia, nem a França pela Argélia (que a França também não reconhecia como uma "colônia"). Portanto, não é nenhuma surpresa que a Europa tenha se sentido absolutamente chocada pelos crimes terroristas praticados em 11 de setembro. Mais uma vez, isso não se deve à dimensão do episódio, infelizmente.

Quais os prognósticos, ninguém se atreve a arriscar. Mas que é algo totalmente inédito, não há a mínima dúvida.

***Minha impressão é que esses atentados não criam para nós um novo cenário político, mas, sim, confirmam decisivamente a existência de um problema interno do "Império". Um problema relacionado à autoridade política e ao poder. O que você acha?***

Aqueles que vêm sendo mencionados como os prováveis autores dos atentados são uma espécie de categoria à parte, mas, indubitavelmente, obtêm apoio de uma reserva de ressentimento e raiva contra as políticas americanas postas em prática na região, que por sua vez são uma continuidade da ação política dos antigos dominadores europeus. É evidente que há envolvido um problema de "autoridade política e poder". Na esteira dos atentados, o *Wall Street Journal* pesquisou a opinião de "muçulmanos ricos" da região: banqueiros, profissionais qualificados, homens de negócios,

com laços firmados com os Estados Unidos. Todos expressaram desapontamento e raiva ao apoio prestado pelos Estados Unidos a governos rígidos e autoritários, e por todos os empecilhos que Washington cria contra o desenvolvimento autônomo e a democracia política, com sua prática de "sustentar regimes opressores". A principal preocupação dessas personalidades, no entanto, era diferente: a política de Washington em relação ao Iraque e à ocupação militar promovida por Israel. Entre as grandes massas da população mais pobre e mais sofredora, os sentimentos em relação aos Estados Unidos são ainda mais amargos, e é difícil pensar que eles aceitem de bom grado que toda a riqueza da região esorra para o Ocidente ou para as mãos de elites locais diminutas, controladas pelo Ocidente, compostas de mandatários corruptos e brutais, cujos governos só se sustentam graças ao apoio do poder ocidental. Assim, sem nenhuma sombra de dúvida, há problemas aqui em relação a autoridade e poder. A reação americana anunciada de imediato tentava lidar com esses problemas de uma maneira que os intensificaria. Isto, é claro, não é inevitável. Mas vai depender muito do desenvolvimento futuro que terão tais questionamentos.

***A América não está tendo problemas para administrar o processo de globalização - e não me refiro apenas à segurança nacional ou a sistemas de inteligência?***

O Governo dos Estados Unidos não controla o projeto de globalização corporativa, embora, é claro, tenha um papel preponderante nele. Esses programas tiveram contra si uma enorme oposição, principalmente no Sul, onde os protestos em massa poderiam, em grande parte dos casos, ser reprimidos ou ignorados. Nos últimos anos, os protestos também atingiram os países ricos e, em conseqüência, tornaram-se o foco de grandes preocupações por parte dos poderosos, os quais agora se sentem na defensiva, e não sem motivo. Há razões bastante substanciais para a oposição disseminada em todo o mundo contra a forma, típica da globalização, de "direitos do investidor" que vem sendo imposta. Contudo, aqui não é o lugar para se discutir tal assunto.

***"Bombas inteligentes" no Iraque, "intervenção humanitária" em Kosovo. Os Estados Unidos da América nunca usaram a palavra "guerra" para descrever essas ações. Agora estão falando em guerra contra o inimigo inominável. Por quê?***

No início, os Estados Unidos usaram a palavra "cruzada", mas logo ficou claro que, se pretendiam arregimentar aliados no mundo islâmico, por razões óbvias, a utilização deste termo seria um erro grave. Daí, a retórica mudou, adotando a palavra "guerra". A Guerra do Golfo, de 1991, era chamada de

"guerra". O bombardeio na Sérvia foi denominado "intervenção humanitária", de maneira alguma uma utilização inédita. De fato, era a descrição padrão dos empreendimentos imperialistas europeus do século XIX. Para citar alguns exemplos atuais, o principal, e bem recente, trabalho acadêmico sobre "intervenção humanitária" menciona três exemplos do gênero, ocorridos no cenário imediatamente anterior à 1ª Guerra: a invasão japonesa na Manchúria, a invasão da Etiópia promovida por Mussolini e a tomada da região dos sudetos efetuada por Hitler. O autor do trabalho, obviamente, não está sugerindo que o termo esteja bem empregado; muito pelo contrário, mas, sim, que tais crimes eram mascarados pela palavra "humanitária".

Agora, se a intervenção em Kosovo foi realmente humanitária, possivelmente o primeiro caso semelhante em toda a História, trata-se de uma questão a ser examinada objetivamente, e proclamações passionais não dão conta do problema, até porque, virtualmente, todo uso da força é justificado nesses mesmos termos. É muito impressionante a fragilidade dos argumentos que defendem o caráter humanitário no caso da intervenção em Kosovo; aliás, de modo mais acurado, praticamente não existem tais argumentos, e as motivações do governo são bem diferentes. Mas isso já é uma outra questão, sobre a qual escrevi detalhadamente em outra oportunidade.

O caso é que, mesmo o pretexto de "intervenção humanitária", não pode ser usado aqui. Assim, restou-nos a "guerra".

O termo mais apropriado seria "crime", talvez "crime contra a Humanidade", como destacou Robert Fisk. Mas há leis para punir crimes: deveríamos identificar os autores e responsabilizá-los pelo que fizeram, justamente o caminho que vem sendo enfaticamente recomendado pelo Oriente Médio, Vaticano e muitos outros. Ocorre que isso exige provas muito concretas e abre as portas para um perigoso questionamento: por exemplo, para citar apenas o mais óbvio, quem foram os autores do crime de terrorismo internacional condenados pela Corte Mundial quinze anos atrás?

Por essas razões, é melhor usar o termo mais vago, "guerra". Chamá-la de "guerra contra o terrorismo", entretanto, é simplesmente uma boa dose a mais de propaganda, a não ser que a guerra tenha como alvo, de fato, o terrorismo. Mas não é o que está ocorrendo, pelo menos não sem subterfúgios, já que as potências ocidentais não poderiam assumir suas próprias definições oficiais do termo, como no *U.S. Code*\* nos manuais do Exército. Se o fizessem, isso revelaria de imediato que os Estados Unidos são um Estado líder do terrorismo, assim como os países que se constituem seus principais aliados.

Talvez eu deva citar o cientista político Michael Stohl: "Precisamos reconhecer que, pelo que se tem convencionado

- e devo enfatizar que se trata apenas de uma convenção -, a utilização de um grande poder e a ameaça de se usar a força são normalmente descritas como diplomacia coercitiva, e não como uma forma de terrorismo", embora usualmente envolva "a ameaça e freqüentem ente o uso da violência para o que seria descrito como propósito terrorista, caso não fossem grandes potências a se utilizarem de tal tática", de acordo com o sentido literal do termo. Sob a circunstância (admissivelmente inimaginável) de que a cultura intelectualizada ocidental esteja desejosa de adotar o sentido literal, a guerra contra o terrorismo tomaria um rumo bastante diferente, seguindo linhas explicitadas em detalhes copiosos por uma literatura que não é admitida como um cânone respeitável.

Essa citação está reproduzida num livro que divulga a pesquisa, intitulado *Western State Terrorism*, organizado por Alex George e publicado por uma importante editora, dez anos atrás, mas nunca mencionado nos Estados Unidos. O

\* (Um) ato de terrorismo quer dizer qualquer atividade que a) envolva um ato violento ou uma séria ameaça à vida humana que seja considerado delito pelos Estados Unidos ou qualquer outro Estado, ou que seja delito assim reconhecido, se praticado dentro do território jurisdicional americano ou de qualquer outro Estado; e b) aparente (i) ser uma intimidação ou coerção à população civil; (ii) influencie a política governamental por meio de intimidação ou coerção; ou (iii) ameace a conduta de um governo por um assassinato ou seqüestro." (*United States Code Congressional and Administrative News*. 98º Congresso, Segunda Sessão, 19 de outubro de 1984, volume 2, parágrafo 3077, 98 STAT. 2707 [West Publishing Co., 1984]).

argumento de Sthol é exemplificado com detalhes, em todo o livro. E há muitos outros, todos documentados a partir de fontes confiabilíssimas - por exemplo, documentos oficiais do governo -, mas também nunca mencionados nos Estados Unidos, embora o tabu não seja tão rigoroso em outros países de língua inglesa ou em outros lugares.

***A OTAN vem se mantendo em silêncio, até que se descubra se os atentados tiveram origem interna ou externa. Como você interpreta esse dado?***

Não creio que seja essa a razão da hesitação da OTAN. Não há realmente dúvida alguma de que o atentado tenha tido origem "externa". Creio que a razão da hesitação da OTAN é a mesma que os líderes europeus vêm expressando publicamente.

Eles reconhecem, assim como todos que tenham algum conhecimento mais familiarizado da região, que um ataque em massa contra toda uma população muçulmana seria a resposta a todas as preces de bin Laden e seus aliados, algo que conduziria os Estados Unidos e seus parceiros a uma "armadilha diabólica", como ponderou o ministro francês.

***Você pode dizer alguma coisa sobre a conivência e o papel desempenhado pelo serviço secreto americano?***

Não entendi muito bem a pergunta. O atentado foi, com toda a certeza, um tremendo choque e uma imensa surpresa para todos os serviços de inteligência do Ocidente, incluindo os dos americanos. A CIA desempenhou um papel, de fato, muito importante, mas foi nos anos 1980, quando se aliou à resistência paquistanesa e a outras (da Arábia Saudita, Inglaterra etc.), recrutando e armando os mais radicais entre todos os elementos fundamentalistas islâmicos que pôde encontrar para lutar a "Guerra Santa" contra a invasão russa no Afeganistão.

A melhor fonte sobre esse assunto é o livro *Unholy Wars*, escrito por um correspondente já há muito tempo trabalhando no Oriente Médio, o também escritor John Cooley. Hoje em dia está em curso, pelo que se pode presumir, um esforço para apagar os registros e fazer crer que os Estados Unidos foram meros e inocentes espectadores. Surpreendentemente, os jornais respeitáveis (para não falar nos demais) estão adotando tranqüilamente os pronunciamentos oficiais da CIA, de modo a "demonstrar" essa conclusão, como lhes é requerido, numa grosseira violação dos padrões mais elementares do jornalismo.

Depois que essa guerra acabou, os *afeganis* (muitos dos quais, como o próprio bin Laden, não são afegãos) voltaram suas atenções para outros lugares: por exemplo, para a Chechênia e a Bósnia, onde receberam apoio, pelo menos discreto, dos EUA. Não é nenhuma surpresa que tenham sido

bem recebidos pelos governos: na Bósnia, muitos voluntários islâmicos tiveram a sua cidadania garantida em troca de seus serviços militares (Carlotta Gall, New York Times, 2 de outubro de 2001).

E também se voltaram para a China ocidental, onde estão lutando contra a dominação chinesa; são muçulmanos chineses, alguns, ao que parece, mandados para o Afeganistão pela China, já em 1978, para se juntar à guerrilha contra o governo, e que se incorporaram às forças organizadas pela CIA depois da invasão promovida pela Rússia em 1979 com o objetivo de apoiar o governo que a Rússia instalara - e sustentava -, a exemplo dos EUA, que instalaram um governo no Vietnã do Sul e então o invadiram para "defender" o país que, na verdade, estavam atacando (isso apenas para citar uma analogia que nos é bastante familiar). A mesma coisa ocorreu no Sudeste das Filipinas, no Norte da África e em muitos outros lugares, todos lutando em defesa das mesmas causas, segundo seu ponto de vista. E voltaram também suas atenções para seus inimigos principais, a Arábia Saudita, o Egito e outros Estados árabes, e, já nos anos 1990, também para os EUA (bin Laden considera que os EUA invadiram a Arábia Saudita, assim como a Rússia invadiu o Afeganistão).

***Que conseqüências você antevê para o movimento de Seattle? Você pensa que vai perder espaço, agora, ou será possível que ganhe impulso outra vez?***

Claro que se trata de um revés para os protestos em todo o mundo contra a globalização das corporações, os quais - mais uma vez - não se iniciaram em Seattle. Os atentados terroristas, por sua atrocidade, são um presente para os mais inflexíveis e repressores elementos de todas as facções e, com certeza, serão explorados de fato, já foram - para acelerar o cronograma de militarização, arregimentação e reversão dos programas sociais democráticos, além de favorecer a transferência de riqueza para segmentos restritos e solapar a democracia em todas as suas formas relevantes. Mas isso não acontecerá sem resistência, e duvido que tenha êxito, a não ser a curto prazo.

***E as conseqüências no Oriente Médio, em particular no conflito entre palestinos e israelenses?***

As atrocidades cometidas em 11 de setembro tiveram um efeito devastador sobre a causa palestina, como eles próprios logo reconheceram. Israel está escancaradamente exultante com a oportunidade que se apresentou, já que agora pode esmagar os palestinos com total impunidade. Nos primeiros dias logo após os atentados de 11 de setembro, os blindados israelenses invadiram cidades palestinas (Jenin, Ramallah e Jerico pela primeira vez), e muitas dezenas de palestinos foram mortos, além de a opressão de Israel sobre a população palestina ter aumentado ainda mais, como era de se esperar.

Mais uma vez, esses eventos são comuns na dinâmica de um ciclo caracterizado pela escalada da violência, muito conhecido em todo o mundo: na Irlanda do Norte, entre Israel e Palestina, nos Bálcãs e em muitos outros lugares.

***Como você avalia a reação dos americanos? Pareceram estar de cabeça fria, mas, como assinalou recentemente Saskia Sassen, numa entrevista: "Já nos sentimos como se estivéssemos em guerra."***

A reação imediata foi de choque, horror, raiva, medo e desejo de vingança. Mas a opinião pública é algo muito confuso, e pensamentos contrários não demoraram a aparecer. E estes têm sido ultimamente a principal tendência das análises, como nos jornais de hoje.

***Numa entrevista ao jornal mexicano La Jornada, você declarou que estamos diante de um novo tipo de guerra. O que exatamente quis dizer com isso?***

É um novo tipo de guerra pelas razões que mencionei em resposta a sua primeira pergunta: as armas agora estão apontadas numa direção diferente, algo inédito na história da Europa e de seus agregados.

***Serão os árabes, por definição, necessariamente fundamentalistas, o novo inimigo do Ocidente?***

Certamente que não. Em primeiro lugar, ninguém com um mínimo de racionalidade define os árabes como "fundamentalistas". Em segundo lugar, os Estados Unidos e o Ocidente geralmente não têm objeção a religiões fundamentalistas em si. Os EUA, na verdade, são uma das culturas mais extremamente fundamentalistas do mundo; não o Estado, mas a cultura popular. No mundo islâmico, o Estado mais rigidamente fundamentalista, depois do Governo Talibã, é a Arábia Saudita, um aliado dos EUA desde suas origens; o Talibã é, de fato, um ramo da versão saudita do Islã.

Extremistas radicais islâmicos, freqüentemente chamados "fundamentalistas", eram os preferidos dos EUA, nos anos 1980, por se tratar dos melhores assassinos que se poderiam encontrar à disposição. Naqueles anos, o inimigo principal dos EUA era a Igreja Católica, que derivara gravemente para o caminho do pecado na América Latina, com sua "opção preferencial pelos pobres", e sofreu enormemente por seu crime. O Ocidente é bastante ecumênico na sua escolha de inimigos. Os critérios são subordinação e servilismo ao poder, e não à religião. Poderíamos citar aqui muitos outros exemplos.

## 2

### É POSSÍVEL VENCER UMA GUERRA CONTRA O TERRORISMO?

Baseado nas entrevistas para o Hartford Courant,  
em 20 de setembro de 2001, e para David Barsamian, em 21  
de setembro de 2001

*P: É possível a nação vencer uma suposta guerra contra o terrorismo? Se for o caso, como? Se não, o que deveria fazer a administração Bush para prevenir-se de atentados como os que sofreram Nova York e Washington?*

CHOMSKY: Se quisermos refletir seriamente sobre essa questão, devemos reconhecer que em grande parte do mundo os EUA são vistos como um Estado líder do terrorismo, e por uma boa razão. Podemos considerar, por exemplo, que em 1986 os EUA foram condenados pela Corte Mundial por "uso ilegal da força" (terrorismo internacional) e então vetou uma resolução do Conselho de Segurança da ONU que instava todos os países (referindo-se aos EUA) a aderir às leis internacionais. Este é apenas um, entre inúmeros exemplos.

Mas, para nos mantermos especificamente na pergunta apresentada - o terrorismo alheio dirigido contra

nós -, sabemos muito bem como o problema deve ser tratado, caso queiramos diminuir a ameaça em vez de agravá-la, em escala crescente. Quando as bombas do IRA explodiram em Londres, ninguém falou em bombardear Belfast, ou Boston, as fontes da maior parte do apoio financeiro recebido pelo IRA. Deu-se preferência a se providenciar a captura dos criminosos, e muitos esforços foram empreendidos para enfrentar com o que sustentava o terror. Quando um edifício federal foi explodido na cidade de Oklahoma, logo houve um clamor defendendo que se bombardeasse o Oriente Médio, o que provavelmente teria acontecido se a origem do atentado estivesse lá. Mas, quando se descobriu que ela era doméstica, com articulações de milícias de extrema direita, ninguém disse nada a respeito de destruir os Estados americanos de Montana e Idaho. Em vez disso, deflagrou-se uma caçada aos responsáveis pelo atentado, que foram presos, levados a julgamento e sentenciados, e empreenderam-se esforços para entender o ressentimento que estava por trás desses crimes, assim como para dirimir o problema. Praticamente todo crime - seja um assalto na rua ou uma atrocidade de proporções colossais - tem sua razão, e o mais usual é entendermos que essas razões devem ser levadas em conta e que precisamos resolver o problema.

Há formas apropriadas e legais de se proceder em relação a crimes, sejam quais forem as suas proporções. E há precedentes. Um nítido exemplo é o que acabei de



mencionar, um exemplo que não admite controvérsias, devido à reação das mais altas autoridades internacionais.

Nos anos 1980, a Nicarágua foi vítima de um violento ataque conduzido pelos EUA. Dezenas de milhares de pessoas morreram. O país sofreu uma substancial devastação e jamais pôde se recuperar. O ataque terrorista internacional foi acompanhado por uma arrasadora guerra econômica, que um pequeno país, isolado do mundo por uma vingativa e cruel superpotência, dificilmente poderia enfrentar, como revelaram em detalhes os principais historiadores que estudam a Nicarágua, como Thomas Walker, por exemplo. Os efeitos sobre o país foram muito mais severos do que a tragédia ocorrida recentemente em Nova York. E eles não retaliaram bombardeando Washington. Eles recorreram à Corte Mundial, que deliberou em seu favor, ordenando aos EUA que voltassem atrás e pagassem uma reparação substancial. Os EUA desdenharam da Corte Mundial e de sua sentença, respondendo com uma nova onda de intensificação dos ataques à Nicarágua. O país, então, recorreu ao Conselho de Segurança, que em consequência passou a discutir uma resolução determinando aos Estados que observassem as leis internacionais. Os EUA, e tão-somente eles, vetaram a resolução. A Nicarágua foi então à Assembleia-Geral, que discutiu uma resolução similar, com a oposição, por dois anos seguidos, apenas dos EUA e de Israel (tendo certa vez a adesão de El Salvador). É assim que um Estado deve

proceder. Se a Nicarágua fosse suficientemente poderosa, poderia ter convocado uma outra corte criminal. Essas seriam medidas que os EUA deveriam tomar, sendo que no caso ninguém teria como bloqueá-las. É isso que todo mundo está pedindo que os EUA façam, incluindo aí seus aliados.

Convém lembrar que os governos do Oriente Médio e do Norte da África, como o governo terrorista da Argélia, um dos mais perniciosos do gênero, ficariam contentes em juntar-se aos EUA para fazer oposição às redes terroristas que os atacam. São o seu inimigo principal, mas até eles estão pedindo provas, já que querem agir dentro de moldes minimamente comprometidos com as leis internacionais. A posição do Egito é mais complexa. Eles estão inseridos no sistema original que organizou as forças islâmicas radicais, do qual a rede de bin Laden faz parte. Foram as primeiras vítimas dessa estrutura, quando Sadat foi assassinado. E têm sido as principais vítimas dela, desde então. Gostariam muito de esmagá-la, mas, segundo declaram, apenas depois que alguma prova for apresentada, indicando culpados, e em obediência à Declaração da ONU e sob a égide de seu Conselho de Segurança.

É esse o curso a seguir para reduzir a probabilidade de futuras atrocidades. Há, entretanto, um outro caminho: reagir com extrema violência e aguardar a escalada de violência que virá, dentro do mesmo ciclo, levando a futuras

atrocidades similares a estas que estão instigando pessoas a pedir vingança. Conhecemos de sobra essa dinâmica.

***Que aspecto ou aspectos foram insuficientemente noticiados pelos principais veículos de imprensa e no que deveriam prestar mais atenção?***

Há uma série de questões fundamentais:

Primeiro, quais opções de ação temos diante de nós e quais são as suas conseqüências mais prováveis? Na verdade, não houve discussão a respeito da opção de seguir o caminho da lei, como outros fizeram, como, por exemplo, a Nicarágua, que já mencionei (que não teve êxito, é verdade, mas ninguém iria barrar uma ação dessas vindo dos EUA) ou a Inglaterra, no caso do IRA, ou como os EUA fizeram, quando se descobriu a origem doméstica das bombas de Oklahoma. Há inúmeros outros casos.

Em vez disso, até agora, escutamos os tambores baterem vigorosamente, clamando por uma retaliação violenta, com raras menções ao fato de que isso não só acarretará um custo terrível na matança de inocentes, muitas delas vítimas afegãs do Talibã, como também atenderá às mais fervorosas preces de bin Laden e sua rede.

A segunda questão é: "Por quê?" E esta questão é raramente discutida com seriedade.

A recusa de encarar esta pergunta significa optar por incrementar significativamente a probabilidade de ocorrerem futuros crimes desta mesma espécie. Há algumas exceções. Como mencionei anteriormente, o Wall Street Journal - e devemos reconhecer o seu mérito por isso - divulgou a opinião de "muçulmanos ricos", indivíduos pró-EUA, que, apesar disso, são críticos severos quanto à política americana na região, por razões que todos minimamente atentos conhecem. O sentimento da população nas ruas é ainda mais amargo, ainda mais rancoroso.

A rede de bin Laden, em si, é de uma categoria diferente, e, na verdade, suas ações nos últimos vinte anos já causaram um enorme dano às populações pobres e oprimidas da região, que não são levadas em consideração pelas redes terroristas. Mas, efetivamente, eles angariam para si o resultado de toda uma reserva de ódio, medo e desesperança, e é por isso que estão rezando por uma reação violenta por parte dos EUA, que terminará mobilizando outros em torno de sua causa hedionda.

Tópicos como esses é que deveriam ocupar a primeira página de nossos jornais - pelo menos, se quisermos ter alguma esperança em reduzir esse ciclo de violência, em vez de intensificá-lo.

***Capítulos extraídos do livro "11 de Setembro", de CHOMSKY, Noam. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2002.***